

COMPARAÇÃO ENTRE A LIBRAS E AS LÍNGUAS INDÍGENAS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: UM CONTRASTE CULTURAL E SOCIAL

José Arnor de Lima Júnior¹

Indira Simionatto Stedile Assis Moura²

Cristtiane Araújo de Britto³

Francisco José dos Santos Neto⁴

Alexandre Castro Gollo⁵

RESUMO

No intuito de abranger as demandas específicas da comunidade surda, a lei da Libras (BRASIL, 2002) implementou mudanças significativas, no que tange ao reconhecimento das línguas de modalidade visual-espacial. Particularmente, ao que se nota na publicação do decreto da Libras (BRASIL, 2005), tal intento consolidou políticas públicas relevantes em diversas esferas, dentre as quais saúde e educação. Apesar disso, da mesma maneira que a língua portuguesa desfruta de posição privilegiada – fato largamente pesquisado no âmbito dos estudos do letramento –, também se dá uma supressão de outras línguas de sinais. É o caso da língua de sinais Ka'apor, cuja estrutura linguística e respectivo contexto de enunciação não foram devidamente elucidados. Em vista de essas particularidades, este trabalho tem o objetivo de cotejar as diferenças textuais-discursivas entre a Libras e as línguas indígenas no território brasileiro. Para tanto, utiliza-se, como aporte teórico, os conceitos bakhtinianos, bem como os pressupostos dos Estudos Surdos, ambos reunidos sob a lente da Linguística Aplicada (LA). Metodologicamente, esta incursão se constitui como uma revisão de literatura. Mais especificamente, selecionaram-se cinco artigos em diversos periódicos, de modo a evidenciar quais aspectos se sobressam, no processo analítico, entre as línguas em foco. Como resultado, notou-se o entrelaçamento entre língua e cultura, haja vista que, 1) no dia a dia, na consolidação das práticas sociais, as línguas indígenas reforçam o vínculo existente entre os membros da tribo, enquanto, no caso da Libras, as causas são multifacetadas (promoção de trabalho, acessibilidade, resistência de minoria); 2) igualmente à situação encontrada em famílias ouvintes com filhos surdos, os pais de crianças surdas indígenas fazem uso, por vezes, de comunicação gestual caseira, em razão do desconhecimento das possibilidades de interlocução.

Palavras-chave: Libras. Línguas indígenas. Práticas culturais. Filhos surdos. Crianças surdas.

¹ Mestre em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, josearnor.lima@ufpe.br;

² Doutoranda em Linguística da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, indirastedile@gmail.com

³ Especialista em Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, magakika@gmail.com;

⁴ Especialista em Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, fcojosenatal@gmail.com;

⁵ Especialista em Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; gollocarm459@gmail.com;

INTRODUÇÃO

No Brasil, a diversidade linguística é muito mais extensa do que a ideia comum de um país monolíngue sugere (Araujo, 2023). Segundo o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo IBGE, existem aproximadamente 274 línguas indígenas faladas por 305 etnias diferentes (Araujo, 2023). Além disso, a população surda no país é significativa, ultrapassando 10 milhões de indivíduos (Araujo, 2023). Essa realidade desafia a noção de que o Brasil se comunica exclusivamente em Língua Portuguesa, revelando um complexo cenário de plurilinguismo, onde diversos grupos, incluindo comunidades indígenas e surdas, utilizam suas próprias formas de expressão (Quadros, 1997). Essa pluralidade desvela o panorama etnolinguístico brasileiro e permite ao meio acadêmico-científico reconhecer as línguas de sinais como parte essencial desse mosaico cultural.

Recentemente, o movimento indigenista tem se fortalecido, especialmente em resposta à crescente negligência em relação aos direitos dos povos originários. Questões como desmatamento, ataques às terras indígenas e a luta pela demarcação de territórios ressaltam a urgência de preservar não apenas as línguas orais, mas também as línguas de sinais indígenas (Araujo, 2023). Pesquisadores de diversas áreas, como linguística, antropologia e educação, têm se voltado para essas línguas de sinais em suas investigações, contribuindo para um entendimento mais profundo sobre as práticas comunicativas das comunidades surdas indígenas, como os Ka'apor, Guarani-Kaiowá e Terena (Soares, 2022).

Embora o estudo das línguas de sinais no Brasil ainda esteja em seus estágios iniciais, há um movimento crescente em direção a uma maior valorização e documentação dessas línguas. A pesquisa sobre a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB) foi pioneira, mas o campo carece de mais investigações para identificar variedades e características autônomas das línguas de sinais indígenas (Soares, 2022). A relevância da UNESCO em promover a diversidade linguística, especialmente no contexto do Ano Internacional das Línguas Indígenas e da década das línguas indígenas, enfatiza a necessidade urgente de atenção a essas línguas, que correm o risco de extinção.

Em vista da desvalorização dos povos originários, urge reconhecer e apoiar a pesquisa sobre línguas de sinais indígenas, considerando-as não apenas como formas de comunicação, mas também como expressões culturais que merecem preservação e valorização no Brasil contemporâneo. Assim sendo, este trabalho surge nessa seara com o fito

de lançar luz à temática aludida, mais especificamente, cotejando as **diferenças textuais-discursivas entre a Libras e as línguas indígenas no território brasileiro**.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como aporte teórico, optou-se por fazer uso dos conceitos bakhtinianos, bem como dos pressupostos dos Estudos Surdos, ambos reunidos sob a lente da Linguística Aplicada (LA).

Dito isso, de início, é preciso salientar que o Círculo de Bakhtin revolucionou a compreensão da linguagem ao enfatizar sua natureza dialógica, onde o sentido é construído na interação entre sujeitos em contextos sociais específicos (Bakhtin, 2011). Diferente das abordagens que isolavam a linguagem como um sistema normativo ou uma expressão individual pura, Bakhtin e seus colegas defendiam que o enunciado é um evento único e singular, permeado por vozes sociais e ideológicas que refletem as complexidades da vida. Para eles, a palavra é um "fenômeno ideológico par excellence", que circula por diversas esferas de produção cultural e social, revelando as relações de poder e os valores que moldam a comunicação (Bakhtin, 1998). A pluralidade de discursos, ou heterodiscurso, se torna fundamental na análise literária, especialmente no romance, onde diferentes vozes se confrontam, dialogam e se subvertem. Assim, Bakhtin nos convida a considerar a linguagem não como uma entidade fixa, mas como um campodinâmico de interações que revelam a historicidade e a cultura dos sujeitos envolvidos.

Já com relação ao bilinguismo no Brasil, particularmente em relação à Língua Brasileira de Sinais (Libras) e às línguas indígenas de sinais, é visível como essa multiplicidade linguística reflete a rica diversidade linguística e cultural do país (Quadros, 1997). Embora a Língua Portuguesa seja amplamente considerada a língua oficial, existem diversas outras formas de comunicação que coexistem, como as línguas indígenas de sinais, utilizadas por comunidades surdas de etnias específicas. Essas línguas de sinais não apenas facilitam a comunicação entre os membros dessas comunidades, mas também expressam suas identidades culturais e sociais, desafiando a noção de um Brasil monolíngue (Quadros, 1997). O reconhecimento e a valorização dessas línguas são fundamentais para promover a inclusão e a igualdade entre diferentes grupos, refletindo as realidades plurais do contexto brasileiro.

A Linguística Aplicada e os Estudos Surdos têm se esforçado para problematizar as concepções tradicionais sobre bilinguismo e a relação entre as línguas. Essa abordagem crítica permite um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais e das relações de

poder que permeiam o bilinguismo, especialmente no que se refere ao ensino do português como segunda língua para surdos. As práticas bilíngues não ocorrem em um vácuo; elas são moldadas pelas realidades sociais e políticas que cercam a comunidade surda (Quadros, 1997). A luta por reconhecimento e pela preservação de identidades culturais e linguísticas é um aspecto crucial nesse contexto. Assim, o bilinguismo deve ser visto não apenas como uma coexistência de línguas, mas como um fenômeno dinâmico que envolve a negociação constante de significados e identidades em um cenário onde diferentes grupos se esforçam por visibilidade e respeito.

METODOLOGIA

A pesquisa em questão fundamenta-se na Linguística Aplicada, um campo que se distingue por sua capacidade de abordar questões de linguagem situadas socialmente. A estruturação linguística das línguas indígenas de sinais ilustra essa intersecção, revelando a complexidade das dinâmicas sociais que influenciam a linguagem. A trajetória da Linguística Aplicada é marcada por significativas transformações ao longo do tempo, refletindo uma diversidade de abordagens e metodologias que foram adotadas desde suas origens até a contemporaneidade. Essas transformações podem ser categorizadas em três principais etapas: a primeira envolve a distinção entre a aplicação da linguística em contextos práticos e a teoria linguística; a segunda se concentra na consideração dos contextos de ensino-aprendizagem de línguas maternas; e a terceira, mais recente, propõe uma visão indisciplinar, reconhecendo que a Linguística Aplicada deve ser entendida como uma área que é "mestiça e nômade" (Moita Lopes, 2009). Essa abordagem não se limita a um conjunto rígido de regras ou prescrições, mas busca um entendimento plural e diverso dos fenômenos linguísticos. Assim, a hibridizade se torna uma condição necessária para explorar novos olhares sobre os objetos de estudo, especialmente no que diz respeito a grupos historicamente marginalizados, como as comunidades indígenas e surdas, cuja linguagem e cultura frequentemente são invisibilizadas nas narrativas acadêmicas predominantes.

Para além disso, a presente investigação se configura como uma revisão sistemática da literatura, um método que vai além da simples agregação de informações sobre um tema específico. Como destacado por Grant e Booth (2009), a revisão de literatura pode assumir diversas formas, sendo a revisão sistemática uma das mais rigorosas e

metodológicas. Esta abordagem requer a implementação de protocolos bem definidos, o que possibilita uma análise crítica e reproduzível de um extenso corpus documental. Diferentemente da revisão de conveniência, que carece de critérios explícitos e sistemáticos para a seleção de fontes, a revisão sistemática busca compreender o que realmente funciona em um determinado contexto, fornecendo uma explicação detalhada sobre as bases de dados utilizadas, as estratégias de busca, bem como os critérios de inclusão e exclusão dos artigos analisados. Além disso, a revisão sistemática aponta as limitações dos artigos revisados e do próprio processo de revisão, garantindo um alto nível de evidência científica, essencial para a fundamentação de decisões nos âmbitos acadêmico e social. Dessa forma, a revisão sistemática não apenas contribui para a construção do conhecimento, mas também se estabelece como uma pesquisa científica completa, com seus próprios objetivos, problemas de pesquisa, metodologia, resultados e conclusões, ao contrário das revisões mais informais, que podem ser meramente introdutórias.

No decorrer dessa revisão, foram selecionados cinco estudos focados nas línguas indígenas de sinais, que serão analisados com base nas teorias bakhtinianas e nos estudos surdos. Essa escolha se justifica pela necessidade de examinar as dimensões dialógicas e sociais da linguagem, conforme enfatizado pelo Círculo de Bakhtin, que propõe uma abordagem centrada na heteroglossia e na dialogicidade. Além disso, é fundamental reconhecer a importância da voz dos sujeitos surdos e indígenas na construção do conhecimento sobre suas próprias línguas e culturas, uma vez que essa perspectiva promove uma valorização das experiências e saberes desses grupos. A análise articula as contribuições teóricas de Bakhtin com as especificidades das línguas indígenas de sinais, proporcionando uma compreensão mais abrangente e crítica desse fenômeno linguístico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As cinco publicações selecionadas foram a monografia de Jesus (2018), as dissertações de Barretos (2016), Gregianini (2017) e Lima (2013), e, por fim, a tese de Soares (2018). Os trabalhos foram retirados de plataformas de bancos de dados, a exemplo do Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES. Necessariamente, deveriam 1) abordar alguma língua indígena de sinais (não foram elegidos mais de um trabalho que abordasse a mesma língua); 2) ter sido publicado, preferencialmente, após 2015 – abriu-

se uma exceção para o de Lima (2013); 3) ter uma vertente de trabalho educacional e/ou etnográfica.

O trabalho de Gregianini (2017) teve como objetivo mapear os Sinais Paiter Suruí (SPS), analisando como os indígenas surdos dessa etnia utilizam a comunicação e a expressão no contexto da sua comunidade. Ainda, pesquisa também buscou entender a relação entre esses sinais e a identidade cultural Paiter Suruí. A metodologia baseou-se nos Estudos Culturais pós-críticos, valorizando a participação ativa dos envolvidos na produção de conhecimento. O mapeamento foi realizado com o auxílio de uma "bacia semântica" de palavras representativas, avaliando os sinais sob uma perspectiva etnolinguística. Os resultados revelaram uma rica diversidade linguística, evidenciando a importância dos sinais como reflexo da cultura e identidade Paiter Suruí. Nesse sentido, o estudo contribuiu para o aprofundamento dos Estudos Surdos ao destacar a diversidade étnica entre os surdos brasileiros.

Já com relação à pesquisa de Barretos (2016), voltou-se à comunicação dos surdos Akwê-Xerente, e investigou como essas interações ocorrem entre surdos e ouvintes no contexto cultural local. A abordagem metodológica combinou técnicas qualitativas e quantitativas, incluindo entrevistas e observações de campo. Teoricamente, o trabalho se baseou em concepções de surdez como diferença cultural, apoiando-se nas ideias de Skliar (2005) e nas teorias das mediações de Bateson e Bakhtin. O estudo revelou a presença de treze surdos em aldeias Akwê, destacando a interação entre surdos e ouvintes, e levantou a questão sobre a possível existência de uma língua de sinais Akwê-Xerente. Além disso, reforçou a importância de recursos visuais e culturais no processo de escolarização, evidenciando a necessidade de valorização da língua e cultura surdas no contexto educacional.

No que toca à investigação de Lima (2013), buscou-se entender como a criança indígena surda se comunica, e como é incluída no ambiente familiar e escolar nas Aldeias Bororó e Jaguapiru, no Mato Grosso do Sul (MS). A pesquisa, de caráter etnográfico, buscou entender as facilidades e desafios da comunicação dessas crianças com seus familiares e professores, bem como as estratégias usadas para promover a inclusão. Foram observadas dificuldades na comunicação familiar e uma dependência maior dos irmãos para intermediar o diálogo com a criança surda. No contexto escolar, a presença de intérpretes de Libras foi destacada como fundamental, mas os professores ainda carecem de formação específica. O estudo concluiu que a criança indígena surda ainda é invisibilizada, o que demanda maior atenção às suas necessidades educacionais e sociais.

Por sua vez, Soares (2018) refletiu acerca da língua de sinais utilizada pelos surdos da etnia terena, e questionou se os sinais observados eram caseiros ou constituíam uma língua autônoma. A pesquisa foi realizada em aldeias do Mato Grosso do Sul e envolveu a coleta de dados visuais e fonológicos. Embora alguns surdos da etnia tenham tido contato com a Libras, muitos ainda utilizam um sistema próprio de sinais, distinto da língua brasileira de sinais. Após análise detalhada, foi concluído que os sinais terena formam uma língua de sinais autônoma, independente da Libras, evidenciando a rica diversidade linguística presente nas comunidades indígenas surdas do Brasil.

Por fim, Jesus (2018) abordou um jovem surdo do povo Pataxó e buscou compreender como ele aprende os conhecimentos tradicionais e escolares dentro da sua comunidade em Barra Velha, na Bahia. A pesquisa observou a interação do jovem com o território e seu engajamento nas atividades da comunidade, revelando que a Educação Especial Indígena é um campo novo, mas de extrema importância. O vínculo do jovem com o território mostrou ser fundamental para a construção de sua identidade, possibilitando que ele participe ativamente das tradições culturais. O trabalho também destacou o papel da tecnologia no apoio à educação de surdos, promovendo o uso da língua de sinais tanto para surdos quanto para ouvintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou um entrelaçamento entre língua e cultura, evidenciado em duas principais dimensões. Em primeiro lugar, no cotidiano das tribos indígenas, as línguas tradicionais desempenham um papel na consolidação das práticas sociais e no fortalecimento dos vínculos comunitários. A língua atua como um elo de identidade e pertencimento, reforçando a coesão entre os membros da tribo.

Já no caso da Libras, o uso da língua de sinais está associado a causas multifacetadas, que vão além da comunicação familiar, abrangendo a promoção de acessibilidade, inserção no mercado de trabalho e a luta por direitos e reconhecimento como minoria. Em segundo lugar, assim como ocorre em famílias ouvintes com filhos surdos, as famílias indígenas, muitas vezes, recorrem a formas de comunicação gestual caseira. Isso acontece devido à falta de conhecimento sobre as possibilidades de interlocução mais estruturada, como o uso da língua de sinais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Bruno Roberto Nantes. Combatendo o apagamento linguístico: As línguas indígenas de sinais no Brasil. **Albuquerque**: revista de história, vol. 15, n. 29, jan.-jun. de 2023. e-issn:2526-7280. p. 123-146.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. A pessoa que fala no romance. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética** – A teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: UNESP, 1998.

BARRETOS, E. A. **A situação de comunicação dos Akwê-Xerente Surdos**. 2016. 97 p. Dissertação de mestrado em letras e linguística. Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2016.

GRANT, M. J.; BOOTH, A. **A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies**. Health information and libraries journal, v. 26, n. 2, p. 91–108, jun. 2009. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19490148>. Acesso em: 18 out. 2024.

GREGIANINI, L. C. B. **Mapeando os sinais paiter suruí no contexto da comunidade**. 2017. 179 p. Dissertação de mestrado em letras. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

JESUS, J. B. de. **Educação para estudantes com necessidades especiais na aldeia pataxó de Barra Velha** (Bahia). 2018. 55 p. Monografia de graduação em matemática. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LIMA, J. M. da S. **A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá**: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola. 2013. 142 p. Dissertação de mestrado em educação. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2013.

MOITA-LOPES, L. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In PEREIRA e PILAR (orgs.). **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

SOARES, P. **Língua Terena de sinais**: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha. 2018. 213 p. Tese de doutorado em linguística e língua portuguesa. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

SOARES, Priscilla Alyne Sumaio; FARGETTI, Cristina Martins. Línguas indígenas de sinais: pesquisas no Brasil. **LIAMES**: Línguas Indígenas Americanas, v. 22, n. 3, p. 15-28, 2022.